

A CONTRIBUIÇÃO DO PSICOPEDAGOGO ESCOLAR NA INCLUSÃO DOS ALUNOS SURDOS

Camila Rezende Oliveira

Prefeitura Municipal de Uberlândia – PMU

milarezendeoliveira@gmail.com

EIXO 3 - Atuação psicopedagógica: infâncias, família, linguagens, culturas, políticas

RESUMO

O presente artigo é um trabalho de final de curso da pós-graduação lato sensu em Supervisão Escolar, da Faculdade Católica de Uberlândia e trata da temática inclusão cujo objetivo principal é analisar a contribuição do psicopedagogo para a inclusão dos alunos surdos na rede municipal de Uberlândia. A metodologia de estudo utilizada consistiu em uma pesquisa de natureza bibliográfica fundamentada principalmente em autores como Skiliar (1998), Fischer (1999). A partir deste estudo, a pesquisa apontou que os psicopedagogos devem se aprimorar cada vez mais no tema inclusão pois, assim, contribuem de maneira significativa na formação continuada dos professores.

Palavras-Chave: Psicopedagogia, Surdez, Inclusão

INTRODUÇÃO

Quando, em 2008, iniciei minha vida profissional escolar, primeiramente como educadora infantil e, posteriormente, como professora de língua estrangeira pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, uma nova etapa de minha vida acadêmica teve princípio. Embora tenha sido admitida para lecionar a disciplina de língua inglesa, a inserção de um aluno surdo em minha classe proporcionou-me o direcionamento político e pessoal para essa área que, muitas das vezes, é pouco visada pelos educadores de maneira geral: a educação dos surdos. Somado a isso, havia outro fator igualmente relevante, na época, eu pude vislumbrar que eu era formanda de uma das primeiras turmas de Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia a realizar a disciplina de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), em caráter obrigatório, o que permitiu-me ainda com mais o interesse pelo tema.

O cenário com qual estamos convivendo no momento favoreceu uma grande reestruturação curricular, principalmente por parte dos cursos de licenciatura que tem que se adaptar, intensamente, a exigência da lei 10.436, regulamentada posteriormente pelo decreto 5.626, em seu artigo terceiro que obriga os cursos de formação de professores a cumprirem a

LIBRAS no seu currículo. No curso de Pedagogia, e em específico na Supervisão Escolar, não se mostra diferente o esforço ao tentar a adaptação curricular e a inclusão educacional. Porém, o que se percebe é que nos planos governamentais há sempre um paradigma hegemônico sobre o tema com diversos projetos inerentes à respeito da educação especial como é o caso do projeto “*Educar na Diversidade*” baseado em uma experiência compartilhada entre os países participantes do Mercosul e que ainda tem como aparato legal os diversos enfoques legais destacando-se a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996 (LDB) e ainda os Parâmetros Curriculares de 1997(PCN’S) todos referentes ao Brasil, respectivamente.

Ainda, sob esse enfoque da educação inclusiva, pode-se perceber que em muitas publicações de caráter eminentemente federativas nota-se a difusão de idéias relacionadas a noção de integração bastante evidenciada nos anos de 1870, onde o foco de atenção é, como afirma Tenor (2004, p.9): “a deficiência e visava à modificação da pessoa a normalidade, para que, assim fosse aceita na sociedade.” Tal perspectiva se difere da noção de inclusão que iniciou-se nos anos 1980 e que tem como base epistemológica a mudança na sociedade, na qual a orientação é que a maneira adequada às pessoas portadoras de necessidades especiais. Assim, os surdos não se diferem muito do grupo de adequação à normalidade, já que esta é relacionada a linguagem (caráter eminentemente humano) e desse modo, aqueles que não conseguiam se comunicar por meio da fala eram estigmatizados, socialmente.

Portanto, este trabalho tem uma relevância para a área da surdez, pois o que se propõe é que esta não seja vista mais a partir da noção de “normalidade” cujo enfoque ainda é a adequação dos sujeitos surdos ao caráter eminentemente orgânico ou seja, ligados as áreas médicas e psiquiátricas, mas relacionar estes às áreas onde o enfoque esteja ligado ao caráter subjetivo. Desse modo, o surdo não deve ser visto como um “deficiente auditivo”, mas como portador de especificidades e a escola, e em específico o supervisor escolar, deve contribuir para esta mudança de paradigma permitindo a não normalidade no espaço escolar (FISCHER, 1999).

METODOLOGIA: DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

De acordo com os objetivos propostos no trabalho, pode-se dizer que este se constitui, primeiramente de uma pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa. Segundo Maanen citado em Neves (1996, p.1):

A expressão 'pesquisa qualitativa' assume diferentes significados no campo das ciências sociais. Compreende um conjunto de técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de diminuir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação.

Considerando estes termos, a natureza qualitativa da pesquisa se justifica uma vez que buscou o não afastamento entre a teoria proposta e a prática em si, compreendendo esta última como os aspectos referentes à observação realizada do trabalho do psicopedagogo na escola.

A pesquisa, de cunho bibliográfico, ou também designada como pesquisa teórica, tem por finalidade conhecer ou aprofundar conhecimentos e discussões. Em síntese é possível afirmar que a pesquisa bibliográfica não requer especificamente a pesquisa de campo ou a coleta de dados já que busca a discussão de um tema considerado intrigante. (MEDEIROS, 2004)

Em específico na Educação a pesquisa bibliográfica visa ao aprofundamento de conceitos onde se tem uma fase designada como Método de Levantamento de Literatura. Esta fase compreende a revisão bibliográfica do tema. Ela consistiu em um levantamento maior de número de informações relevantes a respeito das teorias referentes ao trabalho do psicopedagogo e também à respeito da surdez. Nesse sentido, houve um estudo aprofundado a respeito de como o psicopedagogo pode contribuir para a inclusão dos alunos surdos uma vez que este atuará mais diretamente nas dificuldades de aprendizagem dos alunos com deficiência na escola.

No término de tais estudos foi realizada, primeiramente uma revisão da bibliografia e a escolha dos sujeitos da pesquisa e da escola a ser pesquisada. Posteriormente, fui *in loco* e acompanhei por 2 meses (setembro e outubro) diretamente o trabalho dos psicopedagogos, somente em um período do dia (vespertino) a título de verificar os processos assumidos por

elas com relação ao trabalho destas para com a dificuldade dos alunos e também para me inteirar como ocorria na prática o trabalho delas. A partir daí e também do material bibliográfico coletado antes da ida à escola pude elaborar as perguntas referentes as entrevistas onde teve perguntas referentes à:

- surdez (o que é surdez, o que é libras, o que caracteriza a libras etc);
- formação inicial e continuada das psicopedagogas;
- a relação das psicopedagogas com os docentes e a surdez;
- relação de trabalho do psicopedagogo e interprete.

Depois, voltei às escola para realização das entrevistas. E por fim, foi feita realizada a transcrição das entrevistas juntamente com a análise dos dados.

Como os dados da pesquisa foram obtidos por meio somente de uma escola e em específico, somente com duas psicopedagogas pode-se afirmar que esta pesquisa retrata um estudo de caso o qual Vilabol (2008, p.25) afirma como sendo:

uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Pode ser caracterizado como um estudo de uma entidade bem definida, como um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma pessoa ou uma unidade social. Visa conhecer o seu “como” e os seus “porquês”, evidenciando a sua unidade e identidade própria. É uma investigação que se assume como particularística, debruçando-se sobre uma situação específica, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.

Além desses aspectos, o estudo de caso se caracteriza mais por ser caráter descritivo já que o pesquisador não intervém na situação proposta somente a analisa e a descreve como a vê. Porém, pode-se afirmar que o estudo de caso não precisa ser meramente descritivo podendo também ter um caráter analítico, já que o se procura é a descoberta de situações novas ou contextos onde existem a manifestação geral de um problema, analisando as pessoas envolvidas no processo assim como seus comportamentos frente aquele problema.

No caso, a escola da pesquisa foi escolhida por ter uma quantidade evidente de alunos surdos e por ter alguns projetos voltados para a área da surdez. A escolha de uma escola municipal como fonte de pesquisa foi devido ao fato de a prefeitura municipal de Uberlândia oferecer diversos cursos nessa área e por possuir um atendimento especializado para os alunos portadores de necessidades especiais.

Análise e discussão do relato

Como já foi citado, anteriormente, as entrevistas realizadas com as psicopedagogas da escola foram gravadas e transcritas de maneira a compreender quais aspectos podem ser significativos para a inclusão dos alunos surdos da escola. No caso, foram realizadas nove perguntas relacionadas ao tema surdez para também compreender qual o grau de conhecimento das entrevistadas sobre a temática.

A primeira pergunta referia-se à concepção de surdez e ambas responderam que surdez é a perda total ou parcial da audição evidenciando a concepção do imaginário social e orgânica do termo. Atualmente, as pesquisas demonstram que o tema surdez envolve muito mais do que pensarmos o termo de maneira “medicalista” como assim era demonstrado no decorrer da história. Surdez é relacionado aos aspectos sociais, aos comportamentos das pessoas surdas com o mundo e dos indivíduos com estes. Por esse motivo, compreender surdez como algo de maneira simplista e enquadrar tais indivíduos na conceituação de normalidade tão citado por Gaviolli (2008).

Nas perguntas dois e três referente a Libras, S1 respondeu que a Libras é a comunicação entre as pessoas surdas. Ao analisar sua resposta, pode-se dizer que esta cita que a Libras tem o objetivo de comunicação em um grupo fechado de usuários e não se pode utilizá-la em contextos onde exista ouvintes e também pessoas surdas. Dessa maneira, caracteriza ainda a concepção errônea de que as pessoas com deficiência deveriam isolar-se do mundo, não podendo assim interagir com as demais pessoas. No que se refere a pergunta três, S1 citou que a principal característica da Libras não é somente mímicas mas que esta tem estrutura gramatical específica. Segundo Brito (1995), a Libras contém três parâmetros principais: a Configuração da(s) mão(s) (CM) que é a forma que a mão assume durante a realização de um sinal, o Movimento - (M) que é o deslocamento da mão no espaço, durante a realização do sinal; e o Ponto de Articulação - (PA) que é o lugar do corpo onde será realizado o sinal. Ainda, na concepção dessa autora, a Libras possui quarenta e três configurações de mãos onde vinte e seis são as letras do alfabeto. Além desses aspectos, primários a Libras também possui alguns aspectos ditos secundários, alguns componentes não manuais como expressões faciais e também estruturações sintáticas, pronominais e verbais caracterizando a resposta coerente da entrevistada.

No que tange as respostas de S2, esta cita que Libras é uma linguagem e que é utilizada para a comunicação das pessoas surdas. S2 deu uma resposta que caracteriza, de maneira mais evidente, a inclusão, uma vez que se considerarmos linguagem como sendo conjunto de sinais de que o homem se serve para comunicar-se e língua é a parte social da linguagem que, em forma de sistema, engloba todas as possibilidades de sons existentes em uma comunidade (Suassure, 1969) S2 caracterizou a possibilidade mais relacionada ao ato comunicacional independente dos indivíduos serem surdos ou ouvintes. O mesmo fato, se repetiu em sua resposta na questão três onde está cita o diálogo como característica da Libras, sem citar se este fator está ligado a surdos ou ouvintes.

As perguntas cinco, seis e sete referem-se a formação inicial e continuada, das psicopedagogas. Pode-se afirmar que ambas responderam que acham relevante a formação continuada e inicial para a compreensão do tema e que lêem muito a respeito do assunto e que até gostam do tema educação inclusiva. O mesmo ocorre, segundo as entrevistadas, com os demais profissionais da escola, porém segundo S1 e S2, o que se percebe, quando se depara com a prática e com as observações realizadas na pesquisa, é que há um desinteresse pelo tema uma vez que nem as próprias psicopedagogas nem os professores participam dos cursos, de maneira efetiva, delegando as atividades de inclusão para as profissionais especializadas. Esses aspectos juntam-se ao fato de que as atividades relacionadas a inclusão dos alunos surdos estão intrinsecamente ligadas a uma aprendizagem significativa da Libras. Porém, infelizmente, nem este fato ocorre já que as próprias supervisoras, como afirmou uma das entrevistadas: “Ainda não tive a oportunidade de fazer o curso de libras”. Não sabem comunicar-se com os profissionais surdos da escola e muito menos com os alunos perfazendo, então, um caminho de influências menos significativas para estas profissionais no âmbito da inclusão desse alunos.

As últimas perguntas referem-se a relação pessoal e profissional tanto com o interprete da escola quanto com os seus alunos surdos. Ambas as entrevistadas disseram que a relação do intérprete com os demais indivíduos da escola é boa, porém S2 afirmou que ela fica preocupada com o aluno surdo pois, segundo ela :

Acontece em um mesmo momento o aluno com surdez ter até três interpretes diferentes em dias alternados da semana, cada interprete tem sua maneira de trabalhar e de auxiliar o aluno e conseqüentemente com essa diversificação de profissionais para um mesmo aluno o processo de aprendizagem fica prejudicado. (ENTREVISTADA S2).

Esse é um problema com o qual, em termos gerais, na educação o país enfrenta uma vez que não há profissionais suficientes e além desses aspectos a má qualidade de formação dos profissionais da educação influi para que a aprendizagem do alunado surdo seja prejudicada. A relação pessoal do psicopedagogo com os alunos surdos também é satisfatória na escola, porém, nas observações realizadas há pouco contato dessas profissionais com os alunos surdos com as profissionais caracterizando a pouca oportunidade de aprendizagem destas com a temática da inclusão.

À guisa de conclusão desse item, pode-se dizer que apesar do pouco conhecimento das psicopedagogas sobre o assunto, elas procuram, dentro de suas possibilidades, manter o clima de respeito sobre o assunto, não somente com os alunos atendidos mas também com a comunidade. Nas entrevistas realizadas ambas, afirmaram sobre a relevância do tema para a formação delas e também dos profissionais com os quais elas trabalham, citando a proposta de “debates nos encontros mensais de formação continuada trabalhando a educação inclusiva e o tema surdez com os professores”. Dessa maneira, cabe a elas permitir que estes fatores não fiquem somente na teoria, mas que se destaquem na prática, onde o enfoque seria a inclusão significativa dos alunos portadores de surdez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível identificar, nas entrevistas realizadas, que a contribuição do psicopedagogo para a inclusão dos alunos surdos está intrinsecamente relacionada ao desenvolvimento na formação destas sobre o tema, fator que deve ocorrer não somente nos encontros mensais mas também em todo o ano letivo, por meio de discussões sobre as abordagens realizadas e de uma intervenção prática e significativa de todos os psicopedagogos atuantes na educação.

Não é uma tarefa fácil, atuar com diversas dificuldades de aprendizagem que se Mas cabe aos psicopedagogos, como afirma Hunter (2004, p. 33) “ muito esforço”, e quando se refere a inclusão deve-se ter esse esforço de maneira redobrada. E como fazer isso de uma forma criativa, entusiástica, fundamentada, consciente de sua função social? Preparando seus alunos surdos, motivando e fazendo com que sintam-se integrados e responsáveis pela sua também pela sua aprendizagem e pelo conjunto do trabalho desenvolvido.

Está posto ao Psicopedagogo, assim, este desafio. Formar-se em inclusão na surdez para formar; servir para liderar, agir para transformar.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/UFRJ/Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

FISCHER, R. M. B. Foucault e o desejável conhecimento do sujeito. **Educação & Realidade** . Porto Alegre: UFRGS, v.24 nº 1, jan. /jun. 1999.

GAVIOLI, A. **A Educação dos Surdos em Cacoal/RO: Um Encontro com a Realidade**. Campo Grande: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Centro de Ciências Humanas e Sociais, 2008. (Dissertação de Mestrado).

MEDEIROS, J. B. **Redação Científica**. São Paulo: Atlas, 2004.

NEVES, J. L. **Cadernos de Pesquisa em Administração**. São Paulo, V.1, no 3, 2ª sem.1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>> Acesso em: 26 nov. de 2011.

TENOR, A. C. **A inclusão do aluno surdo no ensino regular na perspectiva de professores da rede municipal de ensino de Botucatu**. São Paulo: PUC, 2008 (Dissertação de Mestrado).

VILABOL. **Estudo de Caso: fundamentação teórica**. Brasília: Vestcon, 2008. Disponível em: <http://www.vestcon.com.br/ft/3116.pdf>. Acesso em 12 dez. 2011.